

UTOPIA DE UM VELHO CRISTÓLOGO
RESENHA DE A AMOROSIDADE DO DEUS-ABBA E JESUS DE NAZARÉ

Utopia of an Old Christologian
Review of The love of God-Abba and Jesus of Nazareth

RESENHA

BOFF, Leonardo. **A amorosidade do Deus-Abba e Jesus de Nazaré**. Petrópolis:
Vozes, 2023, 114 pp.

Bruno da Silveira Albuquerque*

Leonardo Boff é um dos mais renomados teólogos e filósofos brasileiros de orientação católica progressista, atuante no cenário acadêmico desde 1971, quando, ainda na condição de jovem frade franciscano, publicou seu primeiro livro, *O Evangelho do Cristo Cósmico*, época das primeiras formulações da Teologia latino-americana da libertação. Desde então, a cristologia se fez sempre presente na trajetória de Leonardo, a exemplo daquela publicação seminal, como também em diversas outras obras, durante todo o seu itinerário teológico: *Jesus Cristo libertador* (1972), *A ressurreição de Cristo* (1972), *Paixão de Cristo, paixão do mundo* (1977), dentre outras.

Segundo o próprio autor proferiu¹, em uma live de fevereiro de 2023 transmitida pelo *YouTube*, ele teria escrito cerca de 800 páginas sobre Jesus - entre seus 126 livros até aquela data - e esse pequeno texto, objeto de nossa resenha, foi o que lhe causou maior alegria. Diante de sua vasta produção cristológica, pareceria improvável alguma nova publicação que lhe trouxesse acréscimo.

De fato, algumas ideias já conhecidas de Leonardo Boff são retomadas no pequeno livro *A amorosidade do Deus-Abba e Jesus de Nazaré*, publicado no início de 2023. Através de 16 breves capítulos, a obra traz reflexões que sugerem ser meditações sobre o mistério de Deus como Pai de Jesus de Nazaré. Boff dedicou o texto ao seu amigo, o padre católico Júlio Renato Lancellotti, conhecido por promover obras sociais em periferias na cidade de São Paulo. Uma referência implícita no título remete a Paulo Freire (1921-1997), a quem se credita a noção de *amorosidade*². Boff apresenta uma articulação desse conceito freireano com a

* Doutor em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-Rio, professor de Ensino Religioso na rede municipal de educação de Itatiaia-RJ, professor de Filosofia e História do Cristianismo na FVC.

¹ Cf. live de lançamento da obra aqui resenhada:

<https://www.youtube.com/watch?v=qSjKzdf2IG8&t=893s> acesso em 23/jul/2024.

² Sua formulação original pode ser encontrada a partir de uma das primeiras obras de Freire, como no parágrafo seguinte: “O opressor só se solidariza com os oprimidos quando seu gesto deixa de ser um gesto piegas e sentimental, de caráter individual, e passa a ser um ato de amor àqueles. Quando, para ele, os oprimidos deixam de ser uma designação abstrata e passam a ser os homens concretos, injustiçados e roubados. Roubados na sua palavra, por isto no seu trabalho comprado, que significa a sua pessoa vendida. Só na plenitude deste ato de amar, na sua existencição, na sua práxis, se constitui a solidariedade verdadeira. Dizer que esses homens são pessoas e como pessoas, são livres,

crisologia a partir da experiência de Deus invocado como Abba, na tradição de Jesus.

A obra em foco foi escrita com uma linguagem acessível, embora utilize termos do vocabulário teológico mais especializado como “jesulogia” (p. 10, 15), “monoteísmo trinitário” (p. 29), “pericórese” (p. 31), dentre outros. Não se detém em problematizações da exegese ao abordar textos bíblicos, limitando-se a ler as Escrituras sem maiores explicações nesse sentido. Deixa a critério do leitor verificar as 29 referências bibliográficas no fim do livro, como uma “Bibliografia essencial” (p. 99-101), sendo que onze delas são publicações do próprio autor. Tratam-se de referências em teólogos de credibilidade como os europeus Giuseppe Barbaglio, José Maria Castillo, Gerhard Lohfink e Edward Schillebeeckx, além de Bernard Sesboué e Gerd Theissen. Escritores ligados à teologia da libertação também foram mencionados: José Comblin, Eduardo Hoornaert e Carlos Mesters. O livro conta com uma citação indireta de Tertuliano (p. 27) e citações diretas do papa Francisco (p. 54), Thomas Hobbes (p. 67-68) e Dostoiévski (p. 94) que não são referenciadas de forma completa.

Passemos à apreciação do conteúdo geral da obra. Os títulos de todos os capítulos estão dispostos como enunciados que refletem de forma coerente o que vem em seguida. Os dois primeiros capítulos tratam sobre o ponto de partida da ressurreição de Cristo para a fé cristã (p. 9-13) e sobre a articulação entre jesulogia e crisologia (p. 15-23), fazendo ecoar algumas teses formuladas pelo autor em seus primeiros livros, por exemplo, a crítica à excessiva institucionalização histórica do cristianismo desde seu efetivo encontro com a cultura greco-romana (p. 11-12). O problema das instituições cristãs e de seu distanciamento em relação ao projeto original de Jesus de Nazaré é uma das grandes questões sempre retomadas nas reflexões do escritor catarinense.

Seu terceiro capítulo (p. 25-28) abre uma série de proposições tendo como pano de fundo a oração do Pai-Nosso e o desejo pela vinda do Reino de Deus e do “pão nosso de cada dia” em face das necessidades básicas do ser humano. Na oração do Senhor, temos, não apenas um modelo de liturgia e de espiritualidade, mas a revelação do Deus invocado por Jesus como *Abba*, termo aramaico que “descortina uma relação de intimidade e de total confiança” (p. 26). Com isso, toda a concepção do Reino de Deus reflete uma referência fundamental: a relação entre o Pai e o Filho enquanto experiência vivida e celebrada.

Do quarto ao oitavo capítulos (p. 29-52), alguns desdobramentos dessa experiência são indicados, à luz dos Evangelhos canônicos e suas tradições subjacentes. Em virtude dessa leitura, Boff discute a passagem do monoteísmo estrito para o monoteísmo trinitário (p. 29-31), recordando a relevância do batismo de Jesus como indicação de sua consciência diante do Deus-Abba (p. 33-38), mediante a experiência da amorosidade do Pai (p. 39-44) entre os mais pobres e vulneráveis em Nazaré e Galileia. Jesus demonstrou sua consciência da relação com Deus-Abba de modo gradativo, conforme o sétimo capítulo da obra (p. 45-48), e ele o fez até ser plenamente tomado pela experiência em destaque, transmitida por meio de suas atitudes de acolhimento para com os excluídos e mal-afamados de seu tempo (p. 49-52).

e nada concretamente fazer para que esta afirmação se objective, é uma farsa”. Cf. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 72.ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2020, p. 50.

A segunda metade do livro inicia com quatro capítulos de teor mais crítico. No capítulo nove, compreende-se que, apesar da condenação ser uma criação da sociedade humana, o Deus de Jesus permanece com seu amor incondicional e misericórdia infinita para com toda a sua criação (p. 53-56). Em sequência, temos um contundente discurso (p. 57-62) que expõe de modo sintético e radical a visão do autor acerca das pessoas que rejeitam Jesus, tal como aqueles que o crucificaram:

Os negadores e os ateus têm a liberdade de serem o que são, de não acolherem ou sequer saberem dessa amorosidade de Deus. Mas isso não muda em nada para o Deus-Abba, que nunca os abandona porque nunca deixam de serem também seus filhos e filhas, sobre os quais repete: “Vocês são meus filhos e filhas bem-amados, em vocês tenho minha alegria”. Mas cabe ponderar: se não puderem enxergar uma estrela no céu, a culpa não é da estrela, mas de seus olhos. A amorosidade ilimitada e a misericórdia sem fronteiras também os alcançam. Eles são abraçados por Deus-Abba, embora se recusem a abraçá-los (p. 60).

O trecho citado formula uma crítica contra o tipo de posicionamento que julga as pessoas por suas opções religiosas. Em sintonia com essa observação, a brevíssima reflexão do capítulo onze (p. 63-64) enaltece um Deus que se deixa representar pelo pai do filho pródigo, da parábola de Lucas 15. Esse pai, de forma surpreendente, é quem se *converte* diante de um filho amado e arrependido.

O décimo segundo capítulo medita sobre Jesus diante de suas tentações pelo diabo. No referido trecho, um dos mais longos da obra (p. 65-73), apresenta-se outro exercício de reflexão típico do pensamento crítico de Boff, acerca das formas ou projetos de poder (profético, político e religioso) presentes também no universo cristão. O projeto do Reino de Deus, por outro lado, é distinto desses projetos, pois é viabilizado através da cristologia do *Servo sofredor*, inspirada na releitura de Isaías 53.

Como contraponto aos três projetos de poder descritos anteriormente, nosso autor, em outro capítulo mais extenso (p. 75-83) propõe três paixões de Cristo que caracterizam sua espiritualidade: o sentir-se Filho de Deus com intimidade, a paixão pelo Reino de Deus e a paixão pelos mais pobres.

Na sequência, os últimos capítulos expressam teor eminentemente escatológico: “*O futuro da radical amorosidade do Deus-Abba e de Jesus*” (p. 85-87) acrescenta às meditações antecedentes a dimensão de necessária purificação das pessoas cujos corações permanecem ainda presos a ódios e violência, pois “não se chega ao Reino do Deus-Abba de qualquer maneira” (p. 87). No penúltimo capítulo, “O surgimento de uma cristologia aberta para o futuro” (p. 89-94), o autor retoma e articula questões cristológicas como a dupla natureza de Cristo, história e escatologia, encarnação e cristologia cósmica. O capítulo conclusivo faz eco às publicações de Leonardo Boff a partir dos anos 2000, com forte apelo ético e ecológico. Traz referência à *Encíclica Fratelli Tutti*, do papa Francisco e ao *princípio esperança* de Ernst Bloch.

O livro *A amorosidade do Deus-Abba e Jesus de Nazaré* é um conjunto de vários pequenos acenos a diversos momentos da escrita teológica de Leonardo Boff. Concerne especialmente à sua verve cristológica de longa data, relativamente desconhecida por quem leu somente seus livros editados nos anos 2000, fase de publicações do autor mais centradas em questões ambientais e políticas. A obra em apreço também transparece uma atualização das referências do autor, com o

irlandês John Dominic Crossan, e os espanhóis José María Castillo e José Antonio Pagola, somente para citar três exemplos.

Mais uma vez, um velho cristólogo - à época com 84 anos - demonstra sua madura experiência teológica e seu entusiasmo em relação à utopia do Reino de Deus, através da amorosidade, isto é, o amor que não é constituído somente por discurso e texto, e, portanto, jamais se desgasta com o tempo. Pelo contrário, a amorosidade de Deus é revelada como sempre necessária, possível e presente no exemplo da práxis transformadora explicitada na vida e na história de Jesus de Nazaré.